

RELAÇÃO ENTRE AS LEIS MORAIS ESPÍRITAS E A ORAÇÃO “O PAI NOSSO”

*Martim Afonso de Souza*⁵¹

INTRODUÇÃO

O trabalho apresentado pelo autor no 2º Simpósio FAK, em 2011, tratou da relação entre as leis morais espíritas e o Decálogo de Moisés. A proposta do trabalho era a de estabelecer uma possível vinculação entre os dez mandamentos e as dez leis morais tratadas por Kardec (2001) em O Livro dos Espíritos.

Uma das conclusões do trabalho foi a de que o “(...) Decálogo e as Leis Morais (...) revelam, cada qual à sua maneira, a mesma verdade divina” (SOUZA, 2011). E que a revelação se dá conforme o estágio de esclarecimento da humanidade, à época das respectivas eclosões.

O presente trabalho busca ampliar tais reflexões ao analisar o conteúdo da oração proferida por Jesus e hoje conhecida como “O Pai Nosso” ou “Oração Dominical”. Seguindo a mesma linha do trabalho original, far-se-á um estudo segmentado das sentenças que fazem parte de “O Pai Nosso”, buscando vincular os trechos às leis morais e, por consequência, à lei divina.

A presente versão da “Oração Dominical” foi retirada da tradução de O Novo Testamento realizada por Dias, assim como as demais citações ao Evangelho. Para auxílio na interpretação, usou-se sobretudo a obra “O Pai Nosso”, de autoria de Joel e psicografia de Campêlo.

Da mesma forma que o primeiro trabalho, o propósito não é o de estabelecer uma relação absoluta ou taxativa das sentenças com cada uma das leis morais, mas sim o de identificar a lei natural no conteúdo da “Oração Dominical”.

O “PAI NOSSO”

O “Pai Nosso”, ou “Oração Dominical”, é um modelo de oração ofertado pelo próprio Jesus. Ela foi registrada por Mateus nos versículos 9 a 13, do capítulo sexto de seu Evangelho. Lucas também anota uma versão mais simples, no capítulo 11, versículos 2 a 5.

Em ambas as versões, Jesus está se dirigindo aos discípulos. Após fazer recomendações a respeito da essência do ato de orar (como não buscar a exposição pública, e não usar repetições vazias), Jesus apresenta um modelo conciso de prece, o qual foi adotado por todas as denominações cristãs como oração principal.

O benfeitor espiritual Joel, a esse respeito, esclarece:

Apesar de diretamente não ter deixado nada escrito para nós, o Cristo Jesus sabia que, ao formular uma oração-modelo para os homens, fatalmente essa oração seria utilizada pela posteridade como fórmula ritualística, como assim ocorreu. (CAMPÊLO, 2012, p. 13 e 14)

⁵¹ Trabalhador da Fundação Allan Kardec.

Estudiosos ligados ao judaísmo, como Ausubel (1989) e Chouraqui (1996), enxergam no “Pai Nosso” uma influência da oração “Kadish”. O “Kadish” (variação de “kadosh”, sagrado) é uma das principais orações da cultura judaica, e tradicionalmente é recitada por um dos integrantes da família enlutada, em homenagem ao falecido, durante um período de 11 meses. De fato, ela faz menção a alguns dos aspectos presentes em o “Pai Nosso”, como a santificação do nome de Deus, a espera por seu Reino e a confiança em Sua vontade. No Apêndice A, consta uma versão traduzida do “Kadish”.

Ausubel afirma que os primeiros cristãos, sob forte influência judaizante, continuaram a recitar o “Kadish”, e que com o passar do tempo parte da oração passou a ser utilizada nos ritos das igrejas primitivas (sendo posteriormente incluída na estrutura da missa católica), servindo ainda como inspiração para a “Oração Dominical”.

Kardec (2010), no capítulo “Coletânea de Preces Espíritas”, de O Evangelho Segundo o Espiritismo, faz uma série de considerações à “Oração Dominical”. Afirma que, por indicação dos Espíritos responsáveis pela Codificação, aquela oração deveria ser a primeira a constar do capítulo, dada sua importância. Ele assim se refere à oração:

É o mais perfeito modelo de concisão, verdadeira obra-prima, sublime na sua simplicidade. De fato, sob a forma mais singela, resume todos os deveres do homem para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo. Encerra uma profissão de fé, um ato de adoração e de submissão, o pedido das coisas necessárias à vida e o princípio da caridade. (KARDEC, 2010, p. 387)

Vemos, nessa afirmativa de Allan Kardec, uma significativa razão para considerar “O Pai Nosso” como síntese das leis divinas. Emmanuel afirma que a “grandeza da prece dominical nunca será devidamente compreendida por nós que lhe recebemos as lições divinas” (XAVIER, 2014, p. 191).

“O PAI NOSSO” E AS LEIS MORAIS

Assim, em um exercício de interpretação, busca-se analisar trechos das sentenças constantes de “O Pai Nosso” e relacioná-los às leis morais espíritas. Sendo “O Pai Nosso” uma prece, fica evidente tratar-se de uma expressão da **lei de adoração** – é um dos modos de elevarmos nosso pensamento a Deus, colocando-nos em comunicação com Ele, nos moldes da fórmula de Jesus.

“Pai Nosso [que estás] nos céus” (Mateus, 6:9)

O início da oração representa a visão revolucionária de Jesus a respeito de Deus, e que tanto chocou os judeus⁵². Ao invés de caracterizá-lo como irascível e distante, dá a Ele uma dimensão afetiva ao chamá-lo de Pai. Aproxima, assim, o Criador de suas criaturas, estabelecendo um vínculo de confiança e afeto entre a humanidade e o Senhor da Vida. O ato de chamar Deus de Pai confere unidade à divindade, dando sequência à tradição judia monoteísta.

⁵² Como descrito pelo Evangelista João (5:18): “Portanto, por causa disso, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não somente quebrava o sábado, mas também dizia que Deus [era] seu próprio Pai, fazendo-se a si mesmo igual a Deus.”

Além dessas considerações, é importante destacar a utilização do pronome “nosso”. Jesus assim denomina Deus como pai de todas as criaturas, unindo de maneira indiscutível as criaturas a Ele. No dizer de Emmanuel, “(...) com um simples pronome possessivo, o Mestre exalta a comunidade” (XAVIER, 2014, p. 191).

Formamos, dessa maneira, a comunidade divina. Filhos do mesmo Pai, constituímos a família humana, para cuja plenitude todos os esforços humanos deveriam convergir, já que estamos, todos, sob os cuidados do Divino Senhor.

Podemos, pois, pensar na primeira parte de “O Pai Nosso” como uma evocação da **lei de sociedade**. Vivemos em comunidade, nas células nas quais nos movimentamos no cotidiano: a família biológica, as equipes de trabalho profissional, a vizinhança. Todas, porém, partícipes da família maior, lideradas pelo Cristo e sob a proteção constante e amorosa do Pai de Todos.

“Santificado seja o teu nome” (Mateus, 6:9)

Claramente esse trecho da “Oração Dominical” filia-se à tradição judaica de respeito e veneração ao nome de Deus. Corresponde ao comando inserto no terceiro mandamento judaico: “Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão; porque o Senhor não terá por inocente aquele que tomar o seu nome em vão” (Deuteronômio, 5:11). Jesus transforma o comando negativo da lei moisaica em uma prescrição positiva, concitando as criaturas a santificarem o nome do Pai em tudo quanto fizerem.

Joel faz uma correlação entre este trecho e o início de “O Pai Nosso”, afirmando que, como filhos de Deus, carregamos também o nome Dele, e nossas ações devem, pois, refletir as boas escolhas realizadas em prol de uma vida melhor para todos. Fazemos, aqui, uma relação do preceito com a **lei de adoração**, pois não há modo mais autêntico de honrar a paternidade divina do que realizar, no âmbito de nossos esforços, a vontade divina.

Afirma Joel: “A santificação do nome de Deus, portanto, é exercício diário dos ensinamentos do Cristo, diante das facilidades e dificuldades que a vida nos apresenta” (CAMPÊLO, 2012, p. 29 e 30).

“Venha o teu reino” (Mateus, 6:10)

A ideia de Reino de Deus não era estranha aos judeus; na recitação do próprio “Kadish” o crente clama “Que Ele estabeleça Seu Reino”. Jesus tratou do Reino de Deus em diversas passagens; destacamos aquela em que ele parece tratar dos equívocos humanos na compreensão do conceito: “Interrogado pelos fariseus sobre quando vem o Reino de Deus, em resposta, disse-lhes: o Reino de Deus não vem de modo visível, nem dirão: Vede aqui ou vede ali, pois o Reino de Deus está dentro de vós” (Lucas, 17: 20-21).

O Reino de Deus representa ao mesmo tempo a meta para o progresso humano e o caminho para se chegar até ela. Representa o ápice da jornada que a criatura empreende a fim de tornar reais suas potencialidades, comungando do pensamento e da vontade divinas e vivendo de maneira plena em comunidade. Entretanto, ainda durante a caminhada, o homem entrevê as realidades que o aguardam e assim fortalece sua marcha redentora, pois já se sente partícipe do reino.

A certeza de que a vida futura lhe trará mais alegrias, em virtude da ação divina, convida o homem a colaborar com esse empreendimento. Nesse sentido, ao se perceber imersa nos mecanismos da **lei do progresso**, que sempre a fazem avançar,

a criatura encoraja-se a adotar uma postura ativa ante a construção do bem no mundo e assim assegurar firmeza e constância a seus passos.

“Seja feita a tua vontade” (Mateus, 6:10)

Vivendo sob o império da lei divina, o homem não pode fugir às consequências dos próprios atos. A responsabilização individual, expressa na inesquecível advertência de Jesus “o filho do homem (...) então restituirá a cada um segundo suas ações” (Mateus, 16: 27), contribui para que o homem desenvolva seu senso ético, de pertencimento a um mundo no qual as escolhas individuais sempre impactam no círculo do próximo.

Acima das vontades individuais, contudo, vige a vontade divina, que sempre se expressa para o bem de todos. Acostumados que estamos ao atendimento a nossas paixões e caprichos, quando defrontados pelas circunstâncias adversas da vida, costumamos nos revoltar e adotar mecanismos de fuga, pois nossa vontade infantil não prevaleceu.

A postura do cristão, entretanto, é a da submissão irrestrita aos desígnios divinos. O homem que compreende tal realidade vive com confiança e esperança, laborando continuamente por seu progresso. É possível, assim, relacionar essa adesão ao programa divino à **lei de liberdade**: somos livres para agir, mas somos escravos das consequências de nossos atos. O amadurecimento de nossa consciência, através de experiências muitas vezes dolorosas, acaba por ajustar nossa vontade à vontade do Pai.

“Como no céu, também sobre a terra” (Mateus, 6:10)

A recitação da “Oração Dominical” leva o crente a rogar que a vontade do Pai se estabeleça em qualquer circunstância, em qualquer lugar e com relação a qualquer criatura. Essa deve ser a amplitude da ação divina sobre a Terra.

Podemos imaginar uma ligação dessa circunstância (o alcance da vontade divina) com o conteúdo da **lei de igualdade**. Todas as criaturas estão sujeitas à vontade divina: todas foram criadas simples e ignorantes e estão no carreiro do progresso individual. O aproveitamento das oportunidades de crescimento, contudo, assim como as reações de cada um às circunstâncias da vida, variam de pessoa para pessoa; o amor de Deus, entretanto, é sempre infinito, seja em qualquer situação.

“O pão nosso diário, dá-nos hoje” (Mateus, 6:11)

“Não somente de pão viverá o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus”, alertou Jesus (Mateus, 4:4)⁵³. O pão que se pede ao pai, desta forma, não é apenas o pão material, que irá alimentar o corpo, mas também o alimento espiritual: as oportunidades encontradas de cumprirmos nossos deveres para com o próximo, para conosco mesmos e para com Deus.

O trecho em destaque evoca, de maneira cristalina, a **lei de conservação**. A referência ao pão de cada dia que se roga ao Criador representa a disposição da criatura em se satisfazer com o estritamente necessário ao seu sustento, naquele dia. Sem excessos, nem abusos, precisamente o que recomenda a lei moral ao tratar do necessário e do supérfluo.

⁵³ Versículo repetido em Lucas, curiosamente também 4:4. Ambos os trechos referenciados em Deuteronômio, 8:3.

Há, ainda, outra possível ligação com as leis morais. Na narrativa bíblica, quando Deus admoesta Adão em face da desobediência às leis, há a previsão daquilo o que o homem encontrará fora do paraíso: “No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás” (Gênesis, 3:19).

Somos seres trinos, formados pela união do espírito, perísprito e corpo físico. Habitando um invólucro material, temos necessidade de assegurar nosso sustento, mobilizando nosso potencial intelectual e físico para tal finalidade.

O pão rogado ao Pai não se apresenta pronto para ser consumido; deve ser conquistado por intermédio de nossa adesão à **lei do trabalho**.

“Perdoa-nos nossas dívidas, como também perdoamos nossos devedores” (Mateus, 6:12)

Nesse passo de “O Pai Nosso” encontramos o convite talvez mais difícil de aceitarmos: o de buscarmos exercer perante o próximo a misericórdia de que somos objeto, da parte de Deus.

Deus estará sempre disposto a perdoar nossas faltas, como o pai amoroso que percebe nos filhos o impulso inicial para o bem, mas que terminam por se equivocar e distrair ante os acontecimentos marginais da estrada. Deus compreende nossas faltas, e sempre nos proporciona oportunidades de aprendizado e crescimento.

Mas estaremos prontos para agir dessa forma perante nossos companheiros de caminhada? Seremos brandos, dóceis, compreensivos? Ou agiremos com rigor e impiedade quando nossos interesses forem contrariados?

O preceito traz, de maneira inequívoca, a **lei de amor, justiça e caridade**. O objetivo de nossa existência é aprender a lei do amor, a mais importante de todas. E aprendemos tendo por exemplo o amor de Deus por todos seus filhos. Somente compreenderemos a amplitude do amor divino quando formos capazes de exercitar esse mesmo amor em nossas relações.

“E não nos introduzas em tentação” (Mateus, 6:13)

A vida da criatura na Terra não está isenta de riscos. A cada passo somos defrontados pelas consequências de nossos atos, nessa ou em outra encarnação passada. Todos possuímos débitos ante a lei divina, e quitá-los ante a consciência cósmica representa passo importante e impostergável a favor de nossa caminhada.

Muitos são os compromissos que assumimos e que estão a aguardar solução: no campo do poder e da condução de pessoas; do abuso dos recursos materiais; em especial, quanto à sensualidade.

Emmanuel adverte: “Que os problemas do sexo agitam atualmente vastos setores da vida humana, é incontestável”. E mais adiante, acresce: “Ante os problemas do sexo, é forçoso lembrar que toda criatura traz os seus temas particulares, com referência ao assunto” (XAVIER, 2012, p. 6 e 7).

Todos, assim, trazemos questões por resolver no plano da sexualidade, e que se manifestam, via de regra, no campo das tentações. Somos tentados a agir dessa ou daquela forma, a aceitar esse ou aquele convite, tudo porque em determinado momento de nossas existências não soubemos atender à **lei de reprodução**. Sem raciocinar, e de maneira desenfreada, damos vazão aos nossos impulsos e nos comprometemos perante a harmonia das leis divinas.

Cabe, ainda, na análise desse versículo, uma reflexão quanto à **lei de liberdade**. As tentações não foram colocadas no caminho da criatura de maneira aleatória, ao arrepio dos desígnios divinos. Cada qual é o arquiteto de seu destino e construtor de sua felicidade ou desdita futuras. Somos livres para agir, mas escravos das consequências de nossas ações.

“Mas livra-nos do mal” (Mateus, 6:13)

Sendo Deus justo, bom e misericordioso, jamais poderia dEle emanar o mal. O mal, assim, é criação humana, permitido por Deus para alertar as criaturas quanto às consequências de suas escolhas e para acelerar o progresso.

Os desafios e contrariedades encontrados na jornada humana têm, assim, sua origem bem definida: a rebeldia do ser ante a justiça da criação. Revoltando-se ante a Eterna Sabedoria, e não se ajustando à lei da responsabilidade individual, costuma a criatura agir de maneira irresponsável, angariando débitos ante a lei divina.

As respostas da lei divina à essa conduta desregrada vêm de maneira inesperada e costumam aturdir a criatura. Decepções no campo afetivo, quebra da confiança de amigos, mudanças inesperadas de rumo, insucessos profissionais atingem o homem de choque, impondo-lhe a necessidade de corrigir metas e convidando-o a repensar sua vida. Quase sempre o homem consegue perceber, passados os momentos iniciais de surpresa, que o mal advindo representou o bem no futuro.

Da mesma forma age a **lei de destruição**. Catástrofes naturais, epidemias, graves acidentes costumemente trazem grande espanto e comoção às comunidades humanas; logo, porém, a bondade divina oferece ao homem a oportunidade de reconstruir cidades, monumentos e modos de vida, renovando as circunstâncias e trazendo, célere, o progresso.

CONCLUSÃO

“O Pai Nosso” traz uma proposta revolucionária de ligação com Deus. Não apenas um rol de pedidos à divindade, mas sim um compromisso de conduta genuinamente cristã. Em breves linhas apresenta de maneira sucinta e profunda os mais importantes deveres do homem: perante si mesmo, o próximo e Deus, conforme anotou Kardec (2010), em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

Por outro lado, as leis morais espíritas, “aplicáveis a todas as circunstâncias da vida”, como acentuam os Espíritos na resposta à questão 648 de *O Livro dos Espíritos*, também resumem os impositivos a que o homem deve seguir para encontrar sua felicidade (KARDEC, 2001).

Em seu admirável trabalho “Estrutura Didática de *O Livro dos Espíritos*”, Massi (2015) analisa as leis morais a partir do comentário de Kardec à questão 617: “As outras (referindo-se às leis morais) dizem respeito especialmente ao homem considerado em si mesmo e nas suas relações com Deus e com seus semelhantes”. O autor, assim, divide as leis morais em três grupos: as que representam os deveres do homem para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo.

Curiosamente, Massi (2015, p.13) vincula tal divisão das leis morais ao contido na anotação de Kardec a respeito da “Oração Dominical”:

No comentário da questão 617, que citamos anteriormente, Allan Kardec divide as leis morais em três partes: os deveres do homem para com Deus, os deveres do homem para consigo mesmo e os deveres do homem para com o próximo.

A mesma divisão ternária encontra-se em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, no capítulo XXVIII, Preces Espíritas, item I, ao tratar da Oração dominical: 'Com efeito, sob a mais singela forma, ela [a oração dominical] resume todos os deveres do homem para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo.

A partir dessa premissa Massi (2015) desenvolve suas ideias, relacionando as leis de adoração e trabalho aos deveres do homem para com Deus; vincula as leis de reprodução, conservação e destruição aos deveres para consigo; por fim, liga os deveres do homem para com o próximo às leis de sociedade, progresso, igualdade e liberdade.

A última lei, a de justiça, amor e caridade, revela-se a mais importante: "Deus, Justiça, por Amor criou o homem e este, para bem viver com o seu próximo, deve praticar a Caridade" (MASSI, 2015, p.18).

Outra não é a proposta de Jesus. Indagado pelos fariseus a respeito do maior mandamento, o Cristo foi, mais uma vez, conciso e profundo: "Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, e com toda a tua mente. Este é o primeiro e grande mandamento. O Segundo, semelhante a este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Nestes dois mandamentos está dependurada toda a lei e os profetas" (Mateus, 22:37-40).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSUBEL, Nathan. *Conhecimento Judaico*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: A. Koogan, 1989.
- CAMPÊLO, Marcellus. *O Pai Nosso. Pelo Espírito Joel*. 1ª Ed. Manaus: Casa Bendita, 2012.
- CHOURAQUI, André. *Matyah. O Evangelho Segundo Mateus*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- DIAS, Haroldo Dutra (Trad). *O Novo Testamento*. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 1ª.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010.
- KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 6ª ed. de bolso. Rio de Janeiro: FEB, 2001.
- MASSI, Cosme. *Estrutura didática de O Livro dos Espíritos*. Disponível em < http://www.geak.com.br/site/upload/midia/pdf/estrutura_didatica_o_livro_dos_espiritos.pdf>. Acesso em 30/9/2015.
- SOUZA, Martim Afonso de. *Relação entre o Decálogo de Moisés e as Leis Morais Espíritas*. Anais do II Simpósio Fak. Manaus: Fundação Allan Kardec, 2011.
- XAVIER, Francisco Cândido. *O Evangelho Segundo Emmanuel: Comentários ao Evangelho Segundo Mateus. Pelo Espírito Emmanuel*. Brasília: FEB, 2014.
- XAVIER, Francisco Cândido. *Vida e Sexo. Pelo Espírito Emmanuel*. Brasília: FEB, 2012.

APÊNDICE A – O Kadish

http://www.chabad.org.br/ciclodavida/Falecimento_luto/luto/cadish.html

Que seja exaltado e santificado Seu grande nome, no mundo que Ele criou segundo Sua vontade. Que Ele estabeleça Seu Reino, faça vir Sua redenção e aproxime a vinda de Seu Ungido em vossa vida e em vossos dias e na vida de toda a Casa de Israel, pronta e brevemente, e dizei amém.

Que Seu grande nome seja bendito eternamente e por todo o sempre. Que seja bendito, louvado, glorificado, exaltado, engrandecido, honrado, elevado e excelentemente adorado o nome do Santo, bendito seja Ele, acima de todas as bênçãos, hinos, louvores e consolos que possam ser proferidos no mundo, e dizei amém.

Que haja paz abundante emanada dos Céus, e bênção de vida sobre nós e sobre todo [o povo de] Israel; e dizei amém.